

Sebastian Conrad

O que é a história global?

Amostrado



Índice

CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO	11
Porquê uma história global? Para lá do internalismo e do eurocentrismo	13
Três variantes da história global	17
Processo e perspetiva	22
Promessas e limites	25
CAPÍTULO 2 — UMA BREVE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GLOBAL	29
Historiografia ecuménica	29
Quadros da história mundial, do século XVI ao XVIII	33
A história mundial na era da hegemonia ocidental	38
A história mundial depois de 1945	46
CAPÍTULO 3 — ABORDAGENS CONCORRENTES	53
A História Comparada	54
A História Transnacional	61
A Teoria dos Sistemas-Mundo	65
Os estudos pós-coloniais	70
Múltiplas modernidades	75
CAPÍTULO 4 — A HISTÓRIA GLOBAL: UMA ABORDAGEM DISTINTA	81
Características da história global	83
Integração e transformação estruturada	87
Para lá da conetividade: narrativas em competição	93
Estudo de caso: nações e nacionalismo na história global	100

CAPÍTULO 5 — HISTÓRIA GLOBAL E FORMAS DE INTEGRAÇÃO	111
A história da globalização	113
Para lá da globalização.	120
Que integração? Que estruturas?.	123
Integração através da sobreposição de estruturas.	131
Quando ocorreu o global?.	134
 CAPÍTULO 6 — O ESPAÇO NA HISTÓRIA GLOBAL	 141
Espaços transnacionais: os oceanos.	144
Explorando espacialidades alternativas.	148
Redes.	153
Micro-histórias do global	158
As unidades da história global	163
Jogos de escalas	166
 CAPÍTULO 7 — O TEMPO NA HISTÓRIA GLOBAL	 173
A grande história e a história profunda	174
Escala de tempo e <i>Zeitschichten</i> (camadas de tempo)	179
Sincronização	183
Escala, ação autónoma e responsabilidade	190
 CAPÍTULO 8 — POSICIONALIDADE E ABORDAGENS CENTRADAS	 197
Eurocentrismo	199
Posicionalidade.	207
A proliferação de centrismos e o retorno da civilização	211
Para lá do debate sobre o centrismo e a cultura.	217
 CAPÍTULO 9 — CRIAÇÃO DE MUNDOS E CONCEITOS DA HISTÓRIA GLOBAL	 223
Os historiadores e a sua criação de mundos	225
Como fazer mundos com as palavras.	228
Epistemologias nativas?	235
Para lá do mero discurso	237

CAPÍTULO 10 — HISTÓRIA GLOBAL PARA QUEM? A POLÍTICA DA HISTÓRIA GLOBAL	247
História global para quem?	248
História global como ideologia da globalização?	252
Quem escreve o mundo? Hierarquias do conhecimento.	257
Geopolítica e língua.	263
Limitações do «global».	267
O que esconde o «global»?	275
AGRADECIMENTOS	281
POSFÁCIO – O LENTO FAZER DA HISTÓRIA GLOBAL	283
Por muitas «histórias globais».	287
Um debate contínuo.	293
ÍNDICE REMISSIVO.	297

CAPÍTULO 1

Introdução

C. A. Bayly afirmou, em certo tom provocatório, que «todos os historiadores são hoje historiadores mundiais, embora muitos ainda não se tenham dado conta»⁽¹⁾. De facto, não existe qualquer dúvida que a história global, mundial está atualmente em expansão. Nos Estados Unidos, assim como em outras partes do mundo anglófono, há várias décadas que este é o campo que mais rapidamente tem crescido dentro da disciplina. Esta tendência também se enraizou em algumas partes da Europa e do Sudeste Asiático, onde a história global não está apenas em ascensão, como se tem tornado cada vez mais popular entre os historiadores das gerações mais jovens. Assistimos, por toda a parte, ao lançamento de revistas e à organização de conferências sobre o tema, e as chamadas «dimensões globais» tornam-se cada vez mais obrigatórias nas propostas de projetos que queiram ser bem-sucedidas. Mas será que este aumento de popularidade significa que todos os historiadores são historiadores globais? O que é que a história global tem que a tornou tão popular? E porquê agora?

Existem várias razões que explicam este *boom*. A mais significativa prende-se com o crescente interesse por processos globais, que se fez sentir, primeiro, após o fim da Guerra Fria e no período posterior ao 11 de Setembro de 2001. Uma vez que se generalizou a tendência de encontrar na «globalização» a chave capaz de explicar o presente, a necessidade de

(¹) C. A. Bayly, *The Birth of the Modern World, 1780–1914*, Oxford (Blackwell) 2004, 469.

recuarmos no tempo para analisar as origens históricas deste processo parece autoevidente. Em muitas sociedades, em particular naquelas marcadas por fortes vagas de imigração, a história global dá também resposta a determinados desafios sociais e à procura por uma narrativa mais inclusiva do passado, isto é, menos enraizada em perspetivas estritamente nacionalistas. Nos Estados Unidos, a reorientação curricular da Civilização Ocidental para a história global é um resultado típico deste género de pressões sociais. Dentro da academia, tendências desta natureza refletem-se na alteração da composição social, cultural e étnica da profissão. Por sua vez, as transformações nas sociologias do conhecimento têm reforçado o descontentamento com as consagradas narrativas de longa data, que concebem as histórias nacionais como a história de espaços definidos, circunscritos e autónomos.⁽²⁾

A revolução comunicacional que começou nos anos 90 teve também um impacto fundamental nas interpretações que hoje fazemos do passado. Historiadores — e os seus leitores — viajam e experienciam mais o mundo do que qualquer outra geração até agora. Este aumento da mobilidade, reforçado posteriormente pela Internet, facilitou a construção de formas de *networking* e tornou possível a participação de historiadores em fóruns de discussão globais — embora, há que confessá-lo, as vozes das ex-colónias sejam pouco audíveis. Tal significa que os historiadores são, hoje, confrontados com um grande número de narrativas concorrentes e que procuram potenciais novas ideias, precisamente, entre esta diversidade de vozes. Por fim, a lógica inerente ao trabalho em rede, impulsionada pelas novas tecnologias de informação, também alterou a forma de pensar dos historiadores, que recorrem cada vez mais à linguagem da rede e dos pontos nodais, em substituição da antiga lógica territorial. Escrever história no século XXI já não é o que era.

⁽²⁾ Anthony G. Hopkins (ed.), *Globalization in World History*, London (Pimlico) 2002; Thomas Bender (ed.), *Rethinking American History in a Global Age*, Berkeley, CA (University of California Press) 2002.

Porquê uma história global? Para lá do internalismo e do eurocentrismo

A história global nasceu da convicção que os instrumentos analíticos utilizados pelos historiadores para estudar o passado já não eram suficientemente adequados. A globalização lançou um desafio fundamental às ciências sociais e às narrativas dominantes sobre a mudança social. O momento atual, que emergiu de sistemas de interação e troca, é caracterizado por redes e entrelaçamentos. No entanto, em muitos aspetos, as atuais ciências sociais não são capazes de colocar as perguntas certas e de gerar respostas que expliquem a realidade das redes e do mundo globalizado.

Existem, em particular, dois «defeitos de nascença» das ciências sociais e humanas que nos impedem de alcançar uma compreensão sistemática dos processos que abrangem o mundo. Ambos remontam à formação das modernas disciplinas académicas da Europa do século XIX. Em primeiro lugar, a génese das ciências sociais e humanas esteve sempre vinculada ao Estado-nação. Tanto nos seus temas como nas suas questões, e até mesmo nas suas funções sociais, campos como a história, a sociologia e a filologia estiveram sempre ligados às sociedades das respetivas nações. Além disso, o «nacionalismo metodológico» das disciplinas académicas implicou que, teoricamente, o Estado-nação fosse considerado a unidade de análise fundamental, ou seja, uma entidade territorial que servia de «contentor» da sociedade. Este compromisso com «contentores» de análise territorialmente definidos fez-se sentir com mais intensidade no campo da história do que nas disciplinas que lhe são próximas. O conhecimento do mundo foi, conseqüentemente, pré-estruturado, tanto discursiva como institucionalmente, de forma a obscurecer o papel das relações de intercâmbio. Na maioria dos casos, a história limitava-se à história nacional.⁽³⁾

⁽³⁾ Anthony D. Smith, *Nationalism in the Twentieth Century*, Oxford (Robertson) 1979, 191 e ss.; Ulrich Beck, *What is Globalization?*,

Em segundo lugar, as modernas disciplinas académicas eram profundamente eurocêntricas. Colocavam em primeiro plano os progressos europeus e pressupunham que a Europa era a força impulsionadora da história do mundo. Mais importante ainda: as ferramentas conceptuais das ciências sociais e humanas abstraíram-se da história europeia para criar um modelo de desenvolvimento universal. Conceitos aparentemente analíticos como «nação», «revolução», «sociedade» e «progresso» transformaram uma experiência especificamente europeia numa linguagem teórica (universalista) que, supostamente, se podia aplicar a qualquer lugar. Do ponto de vista metodológico, ao imporem categorias que eram próprias da Europa ao passado de todos os outros países, as disciplinas modernas acabaram por transformar todas as demais sociedades em colónias europeias.⁽⁴⁾

A história global procura enfrentar os desafios colocados por estas observações e ultrapassar aquelas duas infelizes «marcas de nascença» das disciplinas modernas. Embora se debruce sobre um conjunto de temáticas — como a migração, o colonialismo ou o comércio —, que há muito são objetos de estudo dos historiadores, a história global apresenta uma abordagem revisionista. É claro que o interesse pela análise de fenómenos transfronteiriços pode não ser novo em si mesmo. No entanto, a história global tem uma nova aspiração: pretende reformar o terreno no qual a reflexão dos historiadores assenta. Existe, por isso, uma dimensão polémica nos estudos deste novo campo. A história global rompe com as antigas abordagens de compartimentação e, em particular, com a história nacional. Como iremos discutir com mais

Cambridge (Polity Press) 2000, 23–24; Immanuel Wallerstein *et al.* (eds.), *Open the Social Sciences: Report of the Gulbenkian Commission on the Restructuring of the Social Sciences*, Stanford, CA (Stanford University Press) 1996.

⁽⁴⁾ Sobre a noção de «defeitos de nascença» das ciências sociais veja-se Jerry H. Bentley, «Introduction: The Task of World History», in: Bentley (ed.), *The Oxford Handbook of World History*, Oxford (Oxford University Press) 2011, 1–16.

detalhe no capítulo 4, a história global trata-se de uma correção às versões endógenas, ou genealógicas, do pensamento histórico, que procuravam explicar as transformações históricas a partir de dentro.

Ao mesmo tempo, e para lá das questões de método, a história global pretende alterar a ordem institucional e a organização do conhecimento. Na maioria dos países, aquilo a que se chama «história» equivaleu, na prática e durante muito tempo, à história nacional de cada país: a maioria dos historiadores italianos trabalha sobre Itália, a maioria dos seus colegas coreanos estuda a Coreia — praticamente em todo o lado, sucessivas gerações de estudantes foram introduzidas à história a partir de manuais que narravam o passado nacional. É contra este pano de fundo que a história global vai apelar a uma visão mais ampla e inclusiva. Os outros passados também fazem parte da história.

Mesmo quando as faculdades de história possuem capacidade burocrática e recursos humanos capazes de proporcionar abordagens mais amplas, os cursos tendem a apresentar as histórias das nações e das civilizações como mónadas incomunicáveis. Os manuais chineses de história mundial, por exemplo, excluem categoricamente a história da China — o passado nacional é lecionado noutra departamento. Esta compartimentação da realidade histórica — entre história nacional e história mundial, entre estudos históricos e estudos de área — impede que se observe os paralelos e os cruzamentos. O propósito da história global também é, por isso, um apelo à superação desta fragmentação, para que possamos alcançar um conhecimento mais compreensivo das conexões e interações que construíram o mundo moderno.

É claro que este género de história não é a única proposta disponível, nem tão-pouco pressupõe uma superioridade analítica. É apenas uma entre muitas formas de abordar a história: mais adequada para o estudo de determinados temas e questões, menos capaz de trabalhar sobre outras problemáticas. Foca-se, antes de mais, nas questões da mobilidade e do intercâmbio, nos processos que transcendem as fronteiras e

as barreiras. Toma a interconexão global como ponto de partida e faz da circulação e do intercâmbio de coisas, pessoas, ideias e instituições os seus principais objetos de análise.

Uma definição preliminar e bastante lata de história global pode ser formulada da seguinte maneira: é uma forma de análise histórica que situa os fenómenos, os eventos e os processos em contextos globais. No entanto, não existe consenso sobre o caminho que se deve percorrer para atingir tal resultado. Existem muitas outras abordagens que competem, hoje, pela atenção dos investigadores: desde a história comparada e transnacional, à história mundial, passando pela «grande história», pelos estudos pós-coloniais e pela história da globalização. Tal como a história global, estas perspetivas também procuram expor e explicar as conexões do passado.

Cada um destes diferentes paradigmas, cujas variantes mais proeminentes iremos abordar no capítulo 3, possui características próprias. Não devemos, no entanto, exagerar as diferenças entre eles, visto que as suas áreas se sobrepõem e partilham determinados elementos. De facto, continua a ser complicado definir com precisão aquilo que faz da história global uma perspetiva específica e única. E se atendermos aos atuais usos do termo, a tarefa só se complica. Basta olharmos de relance para a mais recente bibliografia, para percebermos que o termo é utilizado, por vezes até desviado, para propósitos diversos e é ainda empregue, frequentemente, como sinónimo de outros conceitos. Este uso generalizado demonstra, acima de tudo, que o conceito é tão atrativo como ilusório, ao invés de colocar em evidência a sua especificidade metodológica.⁽⁵⁾

(5) Dominic Sachsenmaier, «Global History», Version: 1.0, *Docupedia-Zeitgeschichte*, 11. Feb. 2010, http://docupedia.de/zg/Global_History?oldid=84616.

Três variantes da história global

Neste contexto de ecleticismo e confusão teórica pode ser útil, apesar de tudo, distinguir heurísticamente as diferentes reações ao desafio global. Desconsiderando algumas das especificidades, podemos dizer que existem três possíveis campos: a história global enquanto história de tudo; como história das conexões; ou enquanto história que se baseia no conceito de integração. Como se tornará mais perceptível nos capítulos subsequentes, a terceira abordagem será a mais promissora para aqueles historiadores globais que pretendem ir além de meros gestos simbólicos para se aproximarem, concretamente, de uma análise da conectividade. Vamos agora debruçarmos sobre cada uma destas três variantes.⁽⁶⁾

Em primeiro lugar, uma das formas de abordar a história global consiste em equipará-la à história de tudo. «A história global, em sentido restrito, é a história daquilo que aconteceu no mundo», escreveram Felipe Fernández-Armesto e Benjamin Sacks, «no planeta como um todo, como se o pudéssemos ver a partir de uma cósmica torre de vigia, com a vantagem da distância imensa e do alcance panótico». De uma perspectiva omnívora como esta, tudo o que acontece no planeta Terra é um legítimo ingrediente da história global.⁽⁷⁾

Na prática, esta abordagem levou a estratégias muito diferentes. A primeira prende-se com o que poderíamos chamar a versão «tudo incluído» (*all-in*) da história global. A sua variante mais proeminente pode ser encontrada nas obras de síntese de larga escala, que procuram capturar a realidade global num determinado período específico. O século XIX, por exemplo, é objeto de várias biografias sofisticadas,

⁽⁶⁾ Para outros modos de formação do campo veja-se Lynn Hunt, *Writing History in the Global Era*, New York (Norton) 2014; Diego Olstein, *Thinking History Globally*, New York (Palgrave Macmillan) 2014.

⁽⁷⁾ Felipe Fernández-Armesto e Benjamin Sacks, «Networks, Interactions, and Connective History», in: Douglas Northrop (ed.), *A Companion to World History*, Oxford (Wiley-Blackwell) 2012, 303–320, citação: 303.

enquanto outros historiadores se contentam em trabalhar o panorama global de um determinado ano em particular. Por seu lado, alguns alargaram o escopo de análise e descreveram milénios inteiros, se não mesmo a «história do mundo» *tout court*. No caso da grande história, a escala é ainda mais ampliada, cobrindo o período que vai do *Big Bang* aos nossos dias. Qualquer que seja a escala, o padrão é sempre o mesmo: o «global» refere-se aqui a uma exaustividade planetária.⁽⁸⁾

Da mesma forma, alguns historiadores optaram por traçar uma única ideia, ou formação histórica, ao longo dos tempos e do planeta. Exemplos particularmente convincentes são os estudos em história global dos impérios, que traçam as formações imperiais e as suas estratégias de gestão populacional da Roma Antiga (ou desde Tamerlane) até ao presente.⁽⁹⁾ Mas, em princípio, qualquer tema serve de objeto para uma biografia global. Podemos encontrar obras sobre as histórias globais dos reinados e das cortes; histórias do chá e do café, do açúcar e do algodão, do vidro e do ouro; histórias das migrações e das relações comerciais; da natureza e da religião; da guerra e da paz. Os exemplos são infindáveis.

⁽⁸⁾ Alguns exemplos incluem: para o século XIX, C. A. Bayly, *The Birth of the Modern World*; Jürgen Osterhammel, *The Transformation of the World: A Global History of the Nineteenth Century*, Princeton (Princeton University Press) 2014; para anos específicos: Olivier Bernier, *The World in 1800*, New York (Wiley) 2000; John E. Wills, *1688: A Global History*, New York (W. W. Norton) 2002; para o último milénio: David Landes, *The Wealth and Poverty of Nations: Why Some Are So Rich and Some So Poor*, New York (W. W. Norton) 1998 [*A Riqueza e a Pobreza das Nações: Por que são algumas tão ricas e outras tão pobres*; trad. Lucínia Azambuja; Lisboa (Gradiva) 2001]; para o mundo, veja-se Felipe Fernández-Armesto, *The World: A Brief History*, New York (Pearson Prentice Hall) 2007; para a grande história veja-se David Christian, *Maps of Time: An Introduction to Big History*, Berkeley (University of California Press) 2004.

⁽⁹⁾ John Darwin, *After Tamerlane: The Global History of Empire*, London (Penguin Books) 2007. [*Ascensão e queda dos impérios globais: 1400–2000*, trad. Jaime Araújo, Lisboa (Edições 70) 2015]; Jane Burbank e Frederick Cooper, *Empires in World History: Power and the Politics of Difference*, Princeton (Princeton University Press) 2010.

Embora o termo «história global» possa sugerir uma cobertura de análise mundial, tal não é necessariamente verdade. À partida, tudo se pode transformar num objeto de estudo legítimo para os historiadores globais: a história global como história total. Tal significa que assuntos tão diversos como os trabalhadores mineiros em Witwatersrand na África do Sul, a coroação do rei havaiano Kalakaua ou uma povoação do século XIII do sul da França podem ser estudados, dado o seu potencial contributo para a história global. Uma vez estabelecido que a história global é tudo, tudo pode ser convertido em história global. O que se acaba de dizer é menos absurdo do que parece. Esta situação não é muito diferente do que acontecia nos tempos do reinado supremo da história nacional. Também aí, mesmo quando o escopo da análise não se estendia necessariamente a toda a nação, pressupunha-se que o fazia. Ninguém colocava em causa, por exemplo, que uma biografia de Benjamin Franklin ou que um estudo aprofundado sobre a indústria automóvel em Detroit contribuía para a história dos Estados Unidos. Uma vez determinado o quadro geral da história nacional, tudo o que se encontrava dentro desse «contentor» era considerado um elemento natural dessa mesma história.

O mesmo pode ser dito a propósito da versão «tudo incluído» da história global. Estudos sobre a classe operária de Buenos Aires, Dakar ou Livorno podem constituir um contributo para a história global do trabalho, mesmo que não explorem objetivamente os horizontes e perspetivas globais desse objeto de análise. É o que acontece quando os historiadores tomam em consideração, e são inspirados por estudos sobre fenómenos análogos. A obra de Dipesh Chakrabarty acerca dos cultivadores de juta em Bengala e a de Frederick Cooper sobre os estivadores de Mombaça, são bons exemplos deste fenómeno.⁽¹⁰⁾ A componente da história global é reforçada sempre que os historiadores conduzem os seus estudos

⁽¹⁰⁾ Dipesh Chakrabarty, *Rethinking Working-Class History: Bengal, 1890–1940*, New Haven (Yale University Press) 1987; Frederick Cooper,

tendo em mente casos semelhantes, e quando incluem, nas suas bibliografias, análises sobre objetos similares de outras partes do globo.

O segundo paradigma enfatiza as trocas e as conexões. Este é o modelo de investigação mais popular dos últimos anos. O fio condutor que une estes estudos prende-se com o pressuposto geral de que nenhuma sociedade, nação ou civilização existe isoladamente. Desde os tempos mais antigos, a vida humana caracteriza-se pela mobilidade e pela interação. Ora, este tipo de movimentos torna-se objeto privilegiado de uma história global entendida, essencialmente, como história dos entrelaçamentos. Esta ênfase na conectividade completa e, conseqüentemente, corrige aquilo a que poderíamos chamar de parcimónia dos enquadramentos mais antigos, onde o fim da viagem intelectual coincidia com as fronteiras do Estado-nação, do império ou da civilização.

Não existem limites para a variedade de temas que podem ser estudados a partir desta perspectiva — desde movimentos populacionais à circulação de ideias até ao comércio de larga escala. Mais uma vez, o alcance das redes e das conexões pode variar e não tem de ser necessariamente planetário. Tudo depende do objeto de estudo e das questões que são formuladas: o comércio no Mediterrâneo, a peregrinação dos muçulmanos Hajj através do oceano Índico, as cadeias migratórias entre a China e Singapura ou as missões diplomáticas ao Vaticano. Em todas estas instâncias, a interconexão do mundo — que pode ser rastreada ao longo dos séculos — é o ponto de partida da investigação em história global.⁽¹¹⁾

On the African Waterfront: Urban Disorder and the Transformation of Work in Colonial Mombasa, New Haven (Yale University Press) 1987.

⁽¹¹⁾ Entre esta vasta literatura, veja-se Wang Gungwu (ed.), *Global History and Migrations*, Boulder, CO (Westview Press) 1997; Natalie Zemon Davis, *Trickster Travels: A Sixteenth-Century Muslim between Worlds*, New York (Hill & Wang) 2006; Miles Ogborn (ed.), *Global Lives: Britain and the World, 1550–1800*, Cambridge (Cambridge University Press) 2008; Marilyn Lake e Henry Reynolds, *Drawing the Global Colour Line:*

As duas variantes da história global, que discutimos até agora, podem, em princípio, ser aplicadas a todos os lugares e a todos os tempos. O mesmo não pode ser dito relativamente à terceira variante. Esta, mais restrita no seu objeto, pressupõe e reflete explicitamente sobre alguma forma de integração global. Debruça-se, no essencial, sobre padrões regulares e sustentados de trocas que, como tal, foram capazes de moldar profundamente as sociedades. Embora sempre tenham existido trocas transfronteiriças, a sua operacionalidade e o seu impacto dependiam do grau de integração sistémica à escala global.

É sobretudo a este terceiro modelo — que iremos descrever em maior detalhe nos capítulos 4 e 5 — que boa parte dos estudos recentes, de maior sofisticação, recorre. E trata-se também do paradigma que será explorado neste livro. Tome-se o exemplo da obra de Christopher Hill sobre o emergir da historiografia moderna na França, nos Estados Unidos e no Japão no final do século XIX. Nesta obra, ao contrário do que poderia acontecer num estudo mais convencional, o autor não se foca na relação entre a escrita tradicional da história e as modernas narrativas nacionais. Nem tão-pouco dá especial atenção às conexões entre os três casos de estudo. Ao invés, Hill situa as três nações no contexto das mudanças internas de cada país e das transformações globais. Os três países enfrentavam convulsões internas: os Estados Unidos estavam a recuperar da Guerra Civil, a França da derrota contra a Prússia, e o Japão, por sua vez, reorganizava o seu sistema de governo no rescaldo da Restauração Meiji. Ao mesmo tempo, estas nações participavam na reestruturação fundamental da ordem mundial pelo capitalismo e pelo sistema estatal imperialista. Nesta conjuntura, a historiografia serviu para conceptualizar os diferentes posicionamentos estatais no interior de uma ordem hierárquica mais abrangente, assim como para mostrar o aparecimento de cada um